


Memórias lúdicas de professoras da educação infantil


ARTIGO

Maria do Socorro Almeida Rêgoⁱ 

Secretaria Municipal de Educação, Pau dos Ferros, RN, Brasil

Francisco Fernandes Oliveiraⁱⁱ 

Secretaria da Educação, Senador Pompeu, CE, Brasil

Maria Ione da Silvaⁱⁱⁱ 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, RN, Brasil

1

Resumo

O estudo disserta sobre as memórias lúdicas de professoras que atuam na Educação Infantil. O objetivo foi analisar as memórias lúdicas das professoras que atuam na Educação Infantil e a relevância de trabalhá-las no ambiente educativo. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pesquisa bibliográfica e documental. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada com duas professoras da rede municipal de ensino no município de Pau dos Ferros/RN. Desse modo, as informações obtidas foram analisadas com base na técnica da análise de conteúdo de Bardin. Os resultados revelaram que o lúdico contribui para o desenvolvimento infantil, pois o professor, ao inserir na prática pedagógica brincadeiras antigas, oportuniza que estas sejam reconstruídas na memória e impulsiona a formação da identidade pessoal, cultural e social dos indivíduos. Portanto, consideramos relevante que os professores resgatem brincadeiras do seu período da infância e possibilitem que estas sejam experienciadas pelas crianças no contexto escolar.

Palavras-chave: Memórias Lúdicas. Brincadeiras Antigas. Educação Infantil. Professor.

Playful memories of educators in early childhood education

Abstract

This study explores the playful memories of educators working in Early Childhood Education. The primary objective was to analyze the significance of these memories and the importance of integrating them into the educational setting. The research employed a qualitative, bibliographic, and documentary approach. Data was collected through semi-structured interviews with two teachers from the municipal education network in Pau dos Ferros/RN. The gathered information was subsequently analyzed using Bardin's content analysis technique. The findings indicate that playfulness plays a crucial role in child development. By incorporating traditional games into their pedagogical practices, teachers provide opportunities for these games to be revisited and reconstructed within students' memories, while also fostering the development of personal, cultural, and social identities. Based on these results, the study emphasizes the value of teachers rediscovering and

sharing games from their own childhoods, enabling children to experience them within the school context.

Keywords: Playful Memories. Traditional Games. Early Childhood Education. Educators.

1 Introdução

2

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é promovida com o propósito de proporcionar o desenvolvimento integral das crianças, envolvendo os aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores, bem como possibilitando a aquisição de competências e de habilidades necessárias em cada faixa etária dessa etapa da Educação Básica (Angotti, 2010). A tríade cuidar, educar e brincar, em conformidade com Angotti (2010), é um mecanismo pertinente, a qual, trabalhada de forma articulada na Educação Infantil, contribui imensamente para o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem.

A ludicidade trabalhada no ambiente educativo (intensificação do brincar), com as diversas possibilidades de brincadeiras, é uma ferramenta indispensável tanto para impulsionar o desenvolvimento das crianças quanto para as múltiplas aprendizagens, experiências, interação, socialização e construção de conhecimentos impulsionados de modo divertido e prazeroso (Maluf, 2009; Kishimoto, 2017). Concomitantemente à relevância do brincar no âmbito educativo, o professor, ao trazer as brincadeiras antigas ou tradicionais que estiveram presentes em outros contextos culturais e históricos, poderá possibilitar a preservação da cultura de um povo, que foi passada de uma geração para outra (Leonardeli; Conti; Barbosa, 2021). Dessa forma, o objetivo deste estudo foi analisar as memórias lúdicas das professoras que atuam na Educação Infantil e a relevância de trabalhá-las no ambiente educativo.

A metodologia do estudo foi de abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica sobre as temáticas de memória, Educação Infantil e ludicidade, e pesquisa documental no âmbito da Educação Básica. Para tanto, o instrumento para coletar os dados foi uma entrevista semiestruturada com duas professoras que atuam na Educação Infantil da rede

municipal de ensino no município de Pau dos Ferros/RN, com o intuito de conhecermos um pouco sobre suas memórias lúdicas e o cotidiano da prática pedagógica desenvolvida no ambiente educativo; além disso, a análise desses dados foi realizada com base na técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2016).

Logo, o trabalho foi organizado em quatro seções: a primeira trata do percurso metodológico, explicitando a metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo. Na segunda seção, é abordado o referencial teórico com uma breve discussão sobre a temática *memórias* e discorre acerca da ludicidade na Educação Infantil, apresentando a relevância de trabalhar as memórias lúdicas no contexto educacional. Já a última seção deste estudo aborda os resultados e a discussão com a temática “ser professor na Educação Infantil e suas memórias lúdicas”, na qual são apresentadas as falas das professoras entrevistadas dialogando com os aportes teóricos e, por fim, discorremos nossas considerações finais, expondo a pertinência do estudo no âmbito da Educação Infantil.

2 Metodologia

O estudo ancora-se numa abordagem de pesquisa qualitativa que, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), é um tipo de pesquisa que interpreta os fenômenos de forma indutiva, priorizando a subjetividade dos indivíduos envolvidos em que as informações obtidas não são traduzidas em números. Sendo assim, os dados obtidos na pesquisa qualitativa “[...] são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70).

Para o enriquecimento do estudo foi feita uma fundamentação teórica com a pesquisa bibliográfica, respaldando-nos em teóricos que abordam a temática investigada. Realizamos ainda a pesquisa documental em dispositivos legislativos sobre a Educação Básica. Para tanto, em se tratando dos procedimentos metodológicos, utilizamos Prodanov e Freitas (2013).

A técnica utilizada para obtermos as informações referentes às memórias lúdicas das professoras da Educação Infantil foi a entrevista semiestruturada realizada com duas professoras que atuam na rede de ensino municipal, ambas lotadas em um Centro Municipal de Educação Infantil da cidade de Pau dos Ferros/RN. Para Prodanov e Freitas (2013), a entrevista consiste em um veículo para a obtenção de informações sobre determinado problema ou assunto com um entrevistado. O critério de escolha das professoras deu-se mediante o seguinte: atuação na Educação Infantil ou já ter tido experiência nessa etapa da Educação Básica; vínculo com a rede municipal de ensino; ocupação de cargo efetivo ou contratado; formação acadêmica em Pedagogia.

As professoras foram convidadas para colaborar com a pesquisa, participando de uma entrevista semiestruturada e, ao aceitarem o convite, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual esclarece a finalidade do estudo assim como a garantia de sigilo da identificação das participantes; para tanto, foram utilizados nomes fictícios, Flor Tulipa e Flor Violeta. As professoras, ao ficarem cientes da pesquisa, autorizaram a gravação da entrevista e, para isso, assinaram os termos de autorização de imagem e áudio. As entrevistas aconteceram de forma remota pela plataforma Google Meet, em virtude da disponibilidade de tempo das professoras por estarem na reta final do ano letivo e com a sobrecarga de trabalho para a conclusão do diário de classe. É importante ressaltar que as entrevistas ocorreram de forma individualizada e em dias diferentes, sendo que a entrevista com a Professora Flor Tulipa ocorreu no dia 15/11/2022; já a da Professora Flor Violeta, no dia 23/11/2022, mas seguindo o guião da entrevista para o norteamento da conversa.

A professora Flor Tulipa é formada em Pedagogia pela Faculdade Integrada do Brasil (FAIBRA), tem especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela mesma instituição em que foi graduada (FAIBRA). Ela possui 6 anos de experiência profissional, é professora efetiva na rede municipal de ensino do município de Pau dos Ferros/RN; atua na turma de creche, que comporta crianças que estão na faixa etária de 2 anos de idade.

Já a professora Flor Violeta é formada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). É professora contratada na rede municipal de ensino do município de Pau dos Ferros/RN, tem experiência de 5 anos na docência; atua na turma de pré-escola, que corresponde a crianças na faixa etária de 4 anos de idade.

Assim sendo, para analisarmos os dados verbais oriundos das entrevistas semiestruturadas realizadas com as professoras, utilizamos a técnica da análise de conteúdo (Bardin, 2016), com a proposição de categorias de análise *a priori* e *a posteriori*, em que teremos aportes teóricos, já mencionados anteriormente na pesquisa bibliográfica, os quais nortearão a análise desses dados verbais. Em suma, essa técnica da análise de dados é um agrupamento de técnicas que analisa as comunicações por meio de “[...] procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens” (Bardin, 2016, p. 48).

3 Referencial teórico

3.1 O que dizer sobre memórias?

Falar em memórias para nós, seres humanos, sujeitos culturais e históricos, é relembrar momentos vividos que foram marcantes em nossa história de vida, de experiências vivenciadas que deixaram marcas no passado e que estão interligadas no presente. É por intermédio das memórias que construímos a nossa história, a nossa identidade enquanto indivíduos atuantes na sociedade.

Para Caldas (2021), a memória é uma síntese do vivido, pois manifesta as experiências dos indivíduos no seu meio social. Por meio da narração de sua própria

história, essas experiências podem ser revisitadas e ressignificadas. Assim, o sujeito pode decidir sobre sua existência e o que poderá se tornar na sociedade.

Nesse viés, a memória se faz presente em toda a nossa história de vida, estando, assim, interligada com os fatores subjetivos e sociais; desse modo, segundo Bosi (2015):

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (Bosi, 2015, p. 46-47).

Diante do exposto por Bosi (2015), podemos perceber a relevância da relação entre a memória com o passado e o presente, e o quanto é pertinente o reconhecimento da nossa singularidade enquanto sujeitos históricos e únicos, pois mesmo com nossas relações sociais com a coletividade e com a apreensão de muitas experiências, temos nossas particularidades que construímos na subjetividade.

Bergson (2010) discorre que a memória está relacionada com a conservação do passado, em que as lembranças são fontes primordiais para trazer esse passado ao presente. Assim, a memória “[...] prolonga o passado no presente, porque nossa ação irá dispor do futuro na medida exata em que nossa percepção, aumentada pela memória, tiver condensado o passado” (Bergson, 2010, p. 247).

Então, as lembranças são os registros dos acontecimentos ou fatos vividos no passado que estão nas nossas memórias, os quais são carregados por sentimentos e emoções, em que podemos trazer à tona recordações de momentos alegres e tristes que experienciamos ao longo das vivências (Bergson, 2010).

Bergson (2010) aborda ainda o conceito de dois tipos de memórias que se inter-relacionam, a memória hábito e a memória pura. A memória hábito, que tem essência material e mecânica, está relacionada às lembranças que podemos adquirir pela repetição de hábitos que fazemos com o corpo, como andar, correr, falar. Já a memória pura tem essência espiritual e emocional, ela está relacionada às recordações que foram marcantes em nossa vida e, por esse motivo, conservamos para reviver.

Nesse contexto, Halbwachs (2024) disserta a respeito da memória individual de cada ser humano na sociedade, que é construída tendo como princípio a memória coletiva, a qual envolve a influência do outro, visto que:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e são lembradas por outros, mesmo quando se trata de eventos dos quais apenas nós participamos. Isso acontece porque, na realidade, nunca estamos sozinhos. Não é necessário que outros homens estejam presentes, distintos materialmente de nós, pois sempre carregamos conosco e dentro de nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 2024, p. 5-6).

Diante da afirmativa de Halbwachs (2024), é pertinente mencionar que nossas memórias individuais são construídas na convivência e na relação social com o outro em ambientes diversos, como família, amigos, igreja, escola. Então, nessa convivência entre os indivíduos é possível compartilhar e internalizar recordações do passado que serão reconstruídas coletivamente. Assim, “muito do que lembramos está vinculado às lembranças de outras pessoas, desse modo, o homem faz parte de uma trama coletiva, da qual ele nunca está sozinho” (Caldas, 2021, p. 102).

Nesse ensejo, o sujeito é ator social e tem uma história, por conseguinte, necessita construir a sua identidade enquanto ser atuante na sociedade; por isso, a memória está inter-relacionada à constituição da identidade. Assim, de acordo com Caldas (2021, p. 105), “a memória e a identidade se entrelaçam e se reforçam mutuamente, não há busca identitária sem memória, e inversamente, a busca pela memória é sempre acompanhada de um sentimento de identidade”. Desse modo, nós, indivíduos sociais, buscamos constituir nossa identidade social, histórica e cultural tendo as premissas de experiências vivenciadas no passado.

Portanto, compreendemos que quando falamos em memórias, buscamos rememorar e lembrar de acontecimentos marcantes que vivenciamos desde a nossa infância em que “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança” (Bosi, 2015, p. 53). Logo, quando nos recordamos das vivências do passado, procuramos significados para a nossa vida tanto no âmbito pessoal quanto no social.

3.2 A ludicidade na Educação Infantil

A infância é a primeira fase de vida do ser humano marcada pela imaginação, pelo prazer, pela criatividade e pela fantasia, a qual está diretamente ligada ao brincar, uma vez que as brincadeiras estão presentes na vida cotidiana das crianças. É por intermédio dos momentos de brincadeiras que as crianças podem expressar seus sentimentos, suas emoções, suas vontades e seus desejos. Desse modo, segundo Angotti (2010, p. 19), “o período da infância é sim uma etapa singular da vida do ser humano, momento mágico, único, de desenvolvimento e para tanto deve ser planejado, estruturado”.

O brincar é uma atividade espontânea, voluntária, exploratória e prazerosa que integra a nossa vida e está acessível para todo ser humano, independentemente da condição social, econômica ou faixa etária. Brincar é ainda comunicação e expressão, em que associa pensamento e ação, ajuda as crianças para o desenvolvimento mental, emocional, social, físico, portanto, é um veículo de aprender a viver, mas não é passatempo (Maluf, 2009).

As crianças, sujeitos culturais e históricos, incorporam, do seu contexto social, experiências vivenciadas por meio da interação, da socialização, as quais marcam sua história de vida e colaboram para o seu desenvolvimento integral. Por conseguinte, as crianças são também sujeitos de direitos, isto é, cidadãos que devem ter garantidos e assegurados, pelos aparatos legais, os direitos sociais essenciais para a convivência na sociedade.

Nesse sentido, no decorrer da história, foi perceptível que muitas conquistas referentes à infância foram adquiridas, possibilitando, assim, o reconhecimento das crianças, com garantias de melhores condições no tocante à educação, à saúde, ao lazer e à segurança. Mediante esse cenário, a Constituição Federal de 1988 foi pioneira na garantia dos direitos essenciais aos cidadãos, como saúde, segurança, trabalho e reconheceu a educação como direito para todos, adultos, jovens e crianças. Tal reconhecimento da educação como direito de todos está posto no Art. 205, o qual preconiza que:

Art. 205: [...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

Partindo dessa premissa de que a educação é um direito de todos, tivemos a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que apresenta em seu documento a garantia da educação desde a Educação Infantil até a Educação Superior, permitindo que todos tenham acesso a um ensino de qualidade e permanência nele, colaborando para o desenvolvimento integral dos sujeitos e a qualificação ao mercado de trabalho (Brasil, 1996).

Outro aparato legal e importante em prol da infância é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que garante medidas protetivas voltadas às crianças e aos adolescentes na sociedade, assegurando direitos fundamentais para a vida, como saúde, liberdade, educação, cultura, lazer, convivência familiar e comunitária, dentre outros (Brasil, 1990).

Diante disso, é notório observar que as crianças têm direitos assegurados, os quais foram conquistados por meio de lutas em prol do reconhecimento da infância, fase da vida primordial do ser humano que precisa ser valorizada. Entre os direitos sociais conquistados, como a educação, a saúde e a segurança, destaca-se também o direito ao brincar, especialmente relevante no contexto da infância. Esse direito está garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, que assegura à criança o direito de "brincar, praticar esportes e divertir-se" (Brasil, 1990, art. 16, inciso IV).

Nessa perspectiva, a Educação Infantil, como etapa da Educação Básica, fundamenta-se em três vertentes: o cuidar, o educar e o brincar. Este último, objeto de nosso enfoque, será analisado de forma mais aprofundada ao longo do presente estudo. Podemos mencionar que é significativo que sejam propiciados, no contexto educativo, momentos lúdicos com brincadeiras e jogos que permitam o desenvolvimento integral e a aprendizagem das crianças, assim como a difusão do prazer e das descobertas que são

elementos essenciais no brincar. Angotti (2010) traz uma assertiva relevante do caráter lúdico afirmando que:

É importante que o entendimento do caráter lúdico não se restrinja apenas às situações de jogos e brincadeiras, mas que seja entendido também nos princípios do prazer e da liberdade, sobretudo a liberdade de possuir o próprio filtro de entendimento e de expressar elaborações, sentimentos, percepções, representações, enfim, de se permitir à criança o colocar-se enquanto um explorador contumaz do mundo para devorá-lo, entendê-lo, e dele fazer parte de maneira intensamente participativa e significativa (Angotti, 2010, p. 21).

Diante da assertiva de Angotti (2010), é perceptível a relevância do professor trabalhar na sala de aula as brincadeiras e os jogos de forma articulada, em que além de contribuírem para o processo de aprendizagem, possam ser mecanismos que conduzam ao prazer, à fruição da imaginação, da fantasia, permitindo que as crianças possam expressar seus sentimentos e explorar o ambiente em seu entorno.

Na Educação Infantil, primeira fase da Educação Básica, as interações propiciadas pelas brincadeiras estão presentes no contexto escolar e são necessárias para as crianças vivenciarem experiências com os outros que estão no mesmo ambiente, potencializando o desenvolvimento do aspecto social, intelectual, afetivo, motor e, primordialmente, a produção de conhecimentos. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz no seu documento a afirmativa de que:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (Brasil, 2018, p. 37).

Em vista disso, o professor, ao utilizar a ludicidade na sua prática pedagógica como uma ferramenta propulsora para o desenvolvimento da aprendizagem dos seus alunos, desenvolvimento esse que será proposto de forma motivadora e prazerosa, oportuniza que as crianças aprendam brincando. Então, as brincadeiras e os jogos trabalhados no âmbito educacional são “[...] condições para maximizar a construção do

conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e de ação ativa e motivadora” (Kishimoto, 2017, p. 39).

Tendo em vista essas considerações, o professor, para estimular o desenvolvimento do processo de aprendizagem das crianças, pode utilizar uma variedade de brincadeiras e jogos no contexto educativo; podemos mencionar os jogos de regras, as brincadeiras de faz de conta, os jogos cooperativos e as brincadeiras antigas/tradicionais. Segundo Maluf (2009), os jogos de regras envolvem a definição de regras no ato do brincar; já nas brincadeiras de faz de conta, as crianças aguçam a sua imaginação lidando com símbolos. Ainda em conformidade com a autora, as brincadeiras cooperativas envolvem a cooperação das crianças a fim de que percebam a importância de pertencerem ao grupo.

Com efeito, as brincadeiras antigas ou tradicionais, como amarelinha, passa-anel, cantigas de roda, esconde-esconde, roda pião, dentre outras, são propagadas oralmente de uma geração para outra, permitindo que as crianças adquiram experiências do seu contexto social por meio da cultura e da história do povo. De acordo com Kishimoto (2017, p. 42), “[...] a brincadeira tradicional tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivência social e permitir o prazer de brincar”.

Assim sendo, essa variedade de brincadeiras antigas ou tradicionais mencionadas acima são relevantes para o desenvolvimento integral das crianças nos aspectos sociais, cognitivos, motores, afetivos e, além disso, impulsionam o resgate cultural de um determinado povo (Leonardeli; Conti; Barbosa, 2021). A partir dessa premissa, é importante mencionar que as brincadeiras tradicionais podem estar inseridas na escola como ferramentas pedagógicas e de perpetuação da cultura.

Portanto, o professor da Educação Infantil necessita constantemente incorporar a ludicidade na sua prática pedagógica, utilizando brincadeiras e jogos enquanto ferramentas para impulsionar, de forma pertinente, o desenvolvimento integral, bem como o processo de ensino-aprendizagem das crianças, pois “[...] através do brincar a criança prepara-se para aprender. Brincando, ela aprende novos conceitos, adquire informações e tem um crescimento saudável” (Maluf, 2009, p. 20). Desse modo, é de suma relevância

que a criança viva a infância de forma intensa, tendo o brincar ao seu alcance para que seja feliz e conviva com o outro harmoniosamente.

4 Resultados e Discussão

12

4.1 O ser professor na Educação Infantil e suas memórias lúdicas

Abordaremos nesta seção as memórias lúdicas das professoras que atuam na Educação Infantil. Para isso, sistematizamos as categorias de análise (Bardin, 2016), *a priori* e *a posteriori*. As categorias *a priori* (memórias lúdicas/prática pedagógica) partiram do objetivo da pesquisa, e as categorias *a posteriori* (brincadeiras antigas da infância/desenvolvimento de brincadeiras antigas no ambiente educativo) foram oriundas dos dados verbais das professoras entrevistadas. Ressaltamos que, nos tópicos a seguir, teremos a análise e a discussão teórica das categorias *a posteriori*.

4.1.1 Brincadeiras antigas da infância

A ludicidade faz parte da vida infantil de todos os indivíduos na sociedade, em que notadamente os adultos de hoje tiveram, durante a sua infância, diversas experiências com as brincadeiras disponíveis no seu tempo, que comumente denominamos de brincadeiras tradicionais ou antigas. À vista disso, a professora Flor Tulipa, ao ser indagada sobre as brincadeiras que costumava brincar no período da sua infância, respondeu:

Na minha infância, eu lembro bastante das cantigas de roda [...] cantigas [...] ainda hoje são exploradas, Teresinha de Jesus, outras [...]; lembro também aquela passar o anel, não é uma cantiga de roda, aqui já seria uma brincadeira. Passar o anel, amarelinha, batata quente, jogo da velha, jogar pedra, cai no poço. Lembro bastante dessas (Flor Tulipa, 2022).

Diante do supramencionado pela professora Tulipa, podemos observar que, na fase da infância, ela vivenciou o brincar e o brinquedo cantado que havia no seu tempo e

que possibilitaram muitos aprendizados, em que lembra, principalmente, das cantigas de roda, mas também das brincadeiras de passar o anel, batata quente, amarelinha, jogo da velha, as quais fizeram parte do seu repertório lúdico. Desse modo, a fala da referida professora vai ao encontro com a ideia de Maluf (2009, p. 12) quando afirma que “precisamos analisar nossas vivências lúdicas e elaborar memoriais descritivos sobre elas, deixando emergir nossas emoções e representações [...]”.

Apontamos ainda que a professora entrevistada logo faz uma distinção entre o brinquedo cantado, as cantigas de roda e as brincadeiras. Outro ponto a ser considerado na fala da referida professora são os vínculos afetivos que as brincadeiras difundiram, sejam elas com o cunho das cantigas de roda ou não. Mas fica demonstrado na sua fala que o brincar colabora para os processos de ensino e aprendizagem, já que, em seu comentário, ela traz o laço afetivo desses momentos em suas memórias vividas.

Com o exposto pela professora Flor Tulipa e o argumento de Maluf (2009), constatamos o quanto é importante a constituição de uma cultura lúdica, a qual, em conformidade com Gilles Brougère (2011), é impulsionada levando em consideração os contextos sociais e culturais de cada sociedade, os quais carregam em si um conjunto de regras que estão “[...] disponíveis para os participantes numa determinada sociedade e compõe a cultura lúdica dessa sociedade, e as regras que um indivíduo conhece compõem sua própria cultura lúdica” (Brougère, 2011, p. 24).

Nesse campo de discussão, a professora Flor Violeta também menciona brincadeiras, principalmente, as de rua, as quais fizeram parte da sua infância, como pega-pega, bandeirinha, esconde-esconde e vôlei que brincava com os colegas, em que interagiam e se divertiam:

[...] fui uma criança muito ativa que na rua tinha os coleguinhas que se reuniam todas as tardes para brincar, as brincadeiras que mais costumávamos realizar, principalmente nessas brincadeiras de rua, eram brincadeiras, como bandeirinha, pega-pega, esconde-esconde, vôlei. Brincadeiras que não necessitavam de muitos recursos, mas que possibilitavam esse divertimento em grupo, partilhando aí das relações, da vivência de uma vizinhança, onde crianças sempre se reuniam para brincar juntas essas brincadeiras [...] que nos divertiam tanto mesmo sendo tão simples (Flor Violeta, 2022).

Com efeito, a partir do exposto pela professora Flor Violeta, é possível perceber que sua infância teve algumas brincadeiras que fizeram parte de um contexto histórico e cultural, preservando os costumes de determinada época e que proporcionaram divertimento, prazer. Sendo assim, de acordo com Kishimoto (2017), as brincadeiras disponíveis em diferentes períodos histórico-culturais são “[...] transmitidas de geração em geração através de conhecimentos empíricos e permanecem na memória infantil” (Kishimoto, 2017, p. 42).

Corroborando com o pensamento de Kishimoto (2017), o estudioso João Batista Freire (2017) assevera que o ato do jogo revela o próprio jogo, tendo em vista que “sabemos que ele existe por suas manifestações, porque podemos vê-lo, podemos tocá-lo, ouvi-lo ou até intuí-lo” (Freire, 2017, p. 65). A considerar o posicionamento do autor, reiteramos que quando brincamos/jogamos podemos possibilitar que a imaginação impulsionada pelo lúdico seja exteriorizada e propicie o prazer, o divertimento. Na fala da Professora Violeta, é possível observar o quanto as brincadeiras de rua com os colegas possibilitavam o divertimento e, por conseguinte, a fruição da imaginação que o jogo em si impulsiona (Freire, 2017).

Nesse ensejo, a professora entrevistada traz, em seu comentário, menções referentes à forma simples de brincar, destacando a relevância da simplicidade de como e com quem se brinca. Subjetivamente, a Professora Violeta não oculta suas concepções quanto à importância de um brincar natural, em que tudo flui de maneira contínua, fluida e participativa.

Em suma, com os dados verbais das professoras investigadas com relação às brincadeiras antigas da infância, foi possível constatar que as brincadeiras pertencentes à determinada época ou a determinado contexto histórico podem constituir uma cultura lúdica (Brougère, 2011), a qual repercute para outras gerações, propiciando aprendizado e eternizando memórias.

4.1.2 Desenvolvimento de brincadeiras antigas no ambiente educativo

As professoras, ao serem perguntadas sobre a relevância de incluir, na rotina pedagógica atual, as brincadeiras antigas de sua infância, destacaram a importância de trazer o passado para o presente de forma lúdica e divertida.

A professora Flor Tulipa afirmou que: *“Sim, sim, com certeza, pois além de resgatar essas brincadeiras do passado, que elas são muito divertidas e prazerosas; é uma maneira também de criar um vínculo, na sala de aula, uma maneira divertida de trabalhar”*. Considerando a fala da referida professora, é notório observar que o resgate de brincadeiras pertencentes a um contexto histórico, além de rememorar a cultura do brincar, viabiliza momentos de divertimento e de prazer; tal fato está em consonância com a assertiva de Maluf (2009, p. 33) quando disserta que *“faz-se necessário que o professor estabeleça uma conexão entre o prazer, o brincar e o aprender. Ocorrerá uma estimulação da imaginação e da fantasia da criança, indo muito mais além de uma intenção educativa”*.

Outro ponto que destacamos, com a menção da Professora Tulipa, é o vínculo que as brincadeiras podem proporcionar no âmbito escolar entre crianças e professores. Assim sendo, a relevância do ato de brincar, conforme Santana (2023), está relacionada às culturas da infância, que constituem redes de significados, as quais permitem que as crianças possam interagir com o mundo.

Nesse sentido, com base no pensamento de Maluf (2009) e na fala da professora Flor Tulipa, consideramos o quanto é pertinente que o professor, ao inserir o lúdico no ambiente educativo por meio do resgate de brincadeiras antigas, promova constantemente a articulação entre prazer, imaginação, divertimento e aprendizado — elementos que essas brincadeiras são capazes de impulsionar no processo de ensino-aprendizagem.

Diante desse contexto, a professora Flor Violeta traz em sua fala uma contribuição significativa sobre a importância de trabalhar as brincadeiras antigas em sala de aula:

[...] quando nós trazemos para sala de aula essas brincadeiras tradicionais, nós estamos reavivando, possibilitando também as nossas crianças a viverem o que muitos de nós vivenciamos algum tempo atrás. Então, além de permitir na sala de aula o desenvolvimento de muitas habilidades e competências necessárias a essa fase da educação, as brincadeiras antigas, tradicionais, também possibilitam essa interação, essa ludicidade tão importante dentro da Educação Infantil na formação inicial das nossas crianças (Flor Violeta, 2022).

Nessa perspectiva, a professora Flor Violeta afirma que quando o professor traz para o contexto educativo as brincadeiras tradicionais, ele está possibilitando que as crianças possam ter, além do desenvolvimento de habilidades e competências que essas brincadeiras possibilitam, contato com a cultura construída historicamente; desse modo, é nesse aspecto cultural e histórico vivenciado pelas crianças no âmbito da ludicidade que se impulsiona a constituição da cultura lúdica (Brougère, 2011). Assim, o pensamento dessa professora dialoga com Bosi (2015, p. 55) quando argumenta que “[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Então, compreendemos que quando as brincadeiras de diferentes contextos históricos são resgatadas e trabalhadas no ambiente escolar acontece um estímulo para que não sejam esquecidas, mas duradouras ao longo das gerações.

Destarte, é importante que o professor possibilite na sala de aula momentos lúdicos, a fim de que as crianças aprendam de forma prazerosa, estabeleçam uma interação favorável tanto com o educador quanto com as demais crianças e que, ao terem contato com a cultura popular, possam perceber a relevância de relembrar e de vivenciar as brincadeiras que seus avós, pais, tios brincaram em outro contexto histórico. Tendo em vista tais considerações, Brougère (2011) afirma que as crianças constroem a cultura lúdica brincando, ao participarem de jogos com companheiros e observando outras crianças no ato do brincar.

Na rotina pedagógica, o professor, ao impulsionar um repertório de brincadeiras, propicia que as crianças potencializem o desenvolvimento integral referente aos aspectos cognitivos, afetivos, sociais, motores, intelectuais e prossigam favoravelmente no seu processo de aprendizagem, o qual será atrativo e satisfatório. Pensando na relevância constante da ludicidade no ambiente educativo, indagamos as professoras sobre quais brincadeiras costumam desenvolver no cotidiano escolar, logo, obtivemos respostas positivas e satisfatórias. A professora Flor Tulipa menciona:

[...] eu costumo trabalhar bastante as cantigas de rodas, as músicas que envolvam o movimento com o corpo [...] trabalhei também a peteca. Amarelinha geralmente

eu não trabalho, porque como eu trabalho com turmas de dois anos, eles ainda têm dificuldades em dominar as regras de pular e de entender a brincadeira em si [...] (Flor Tulipa, 2022).

Perante o exposto pela professora Flor Tulipa, é notório observar que a docente, na sua rotina pedagógica, costuma trabalhar a ludicidade por meio de cantigas de roda, uma forma de envolver movimentos com o corpo. À vista disso, no campo de experiência pertencente à Educação Infantil – Corpo, Gestos e Movimentos – da Base Nacional Comum Curricular, é apresentado que as crianças ao terem contato com “[...] diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem” (Brasil, 2018, p. 41).

Nisso, percebemos também a importância de resgatar o repertório de músicas que fizeram parte e ainda fazem da cultura popular infantil. Então, trabalhar as músicas na Educação Infantil “[...] significa muito mais do que essa tradicional transmissão de canções. Na verdade, musicalizar na Educação Infantil passa pela vivência sonora, pela exploração do mundo dos sons e pela experiência estética musical” (Guilherme, 2010, p. 157). Corroborando com a ideia da referida autora, Brito (2010) aponta que a música tem relevância na educação, pois está correlacionada ao viver, sendo uma das formas de relação que estabelecemos com o ambiente, com o outro e conosco.

Contudo, no aspecto da ludicidade, a professora Flor Tulipa relata a dificuldade que tem em desenvolver a brincadeira tradicional, amarelinha, visto que, segundo ela, a turma que atua é de crianças que estão na faixa etária de 2 anos de idade, apresentam dificuldades em compreender as regras, porém, já conseguiu desenvolver a brincadeira da peteca. A professora supramencionada reporta-nos ainda outra brincadeira que desenvolve com as crianças: “[...] daquela brincadeira de passar o anel, só que eles têm mais, assim, dificuldade de compreender o objetivo da brincadeira” (Flor Tulipa, 2022).

Diante do relato da referida professora, podemos problematizar o seguinte: seria esperado que as crianças de 2 anos compreendessem as regras das referidas brincadeiras ou o que teria importância seria o momento lúdico possibilitado? Concordamos que as brincadeiras, amarelinha e passar o anel, têm as regras

estabelecidas, mas se a criança consegue se envolver com o lúdico, poderá permitir que o prazer e a alegria sejam propiciados, uma vez que, em conformidade com João Batista Freire (2017), quando nos envolvemos com o Senhor do Jogo, permitimos que o prazer seja aguçado veementemente e, por conseguinte, o divertimento, a imaginação e a criatividade são viabilizados.

Observamos ainda na fala da professora que esta prioriza as cantigas de roda para trabalhar no ambiente educativo, elas são pertinentes para a conservação da cultura e proporcionam o contato das crianças com a musicalização. A esse respeito, Guilherme (2010, p. 158) preconiza que incentivar a criança a “[...] conhecer cantigas e também os clássicos, ora para relaxar, ora para alegar, pode levá-la a uma paixão pela música [...]”. A enunciação da autora supracitada é concomitante com o pensamento de Brito (2010) quando nos reporta que a música integra corpo e mente, ação e reflexão, emoção e razão, sensibilidade e intelecto, ou seja, fazer música possibilita que qualifiquemos a nossa essência humana na relação com o outro, com o mundo e com nós mesmos.

A professora Flor Violeta argumenta que costuma trabalhar uma variedade de brincadeiras no contexto educativo com sua turma:

[...] gosto bastante de trazer brincadeiras que utilizam bambolês que envolvem também a musicalização, as brincadeiras com bolas, com cones, de pular, de dançar que elas possam desenvolver também a sua motricidade, lateralidade. Compreender também como esse movimento é despertar o corpo é tão importante e percebo que elas têm uma atração muito importante com as brincadeiras que são musicalizadas que envolve também toda essa parte lúdica que a música pode nos trazer. Então, costumo explorar essas brincadeiras que realmente possibilitam a ação e que envolvem várias estratégias diferentes (Flor Violeta, 2022).

É notório, com a fala da professora Flor Violeta, que em suas aulas ela busca constantemente desenvolver brincadeiras que envolvam o corpo no intuito de impulsionar o desenvolvimento da lateralidade e da motricidade, bem como utiliza um recurso pedagógico muito significativo direcionado à infância, o qual é a musicalização. Nisso, o professor, ao oportunizar o movimento corporal partindo do lúdico e da musicalização, permitirá que as crianças sejam capazes de “[...] explorar e vivenciar um amplo repertório

de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e de uso do espaço com o corpo [...]” (Brasil, 2018, p. 41).

Em suma, o objetivo principal deste estudo foi analisar as memórias lúdicas das professoras que atuam na Educação Infantil e a relevância de trabalhá-las no ambiente educativo. Quando resgatamos as brincadeiras que incorporaram um cenário cultural e histórico, propiciamos que as crianças, no seu contexto atual, possam perceber, valorizar a cultura popular, os ensinamentos que foram passados de uma geração para outra. Para tanto, ao indagarmos as professoras se costumam resgatar alguma brincadeira antiga e desenvolvê-la no espaço educativo, as respostas foram divergentes, sendo que Flor Violeta desenvolve frequentemente, enquanto Flor Tulipa raramente trabalha nas aulas, mas percebe a relevância:

[...] raras vezes, eu gosto muito de trabalhar com brincadeiras que foram trabalhadas no passado no período da minha infância, mas, na verdade, são raras as vezes em que a gente refaz esse resgate, poderia ser investido mais. E aí entra o quê? Entra passar o anel, amarelinha, cantigas de roda. Recentemente, a gente teve, participou de um curso na brinquedoteca da UERN¹ e aí foi trabalhada lá uma música bem interessante, a música do Seu Zé e a gente começou a trabalhar na sala de aula também, seria uma brincadeira que estaria sendo resgatada, certo? (Flor Tulipa, 2022).

Em contrapartida, na fala da professora Flor Violeta, percebemos que, na sua prática pedagógica, ela costuma sempre resgatar as brincadeiras antigas e trabalhá-las de forma reinventada, dando um novo sentido:

[...] Nós realizamos um circuito de brincadeiras, onde nós trazemos várias brincadeiras tradicionais em uma sequência e também um pouco reinventadas, onde nós trazemos, a princípio, amarelinha, utilizando não apenas a movimentação dos pés como na amarelinha tradicional, mas uma amarelinha que envolve a utilização dos pés e das mãos misturando aí também com a sequência de cores, de movimentos. Seguindo para a brincadeira do bambolê que em vez de nós utilizarmos o bambolê de forma tradicional, na cintura, nós trazemos o bambolê como recurso que possibilita as crianças a pularem de acordo com a frequência da música (Flor Violeta, 2022).

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

É perceptível que a referida professora, ao relatar que utiliza as brincadeiras tradicionais, trazendo essa cultura popular para os dias atuais, busca trabalhar de forma inovadora, reinventando uma maneira de estimular o interesse das crianças por tais brincadeiras, para que não sejam esquecidas, mas reconstruídas e lembradas, pois, segundo Bosi (2015, p. 89), “hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente”. Então, é importante que as brincadeiras do passado não sejam esquecidas, mas que estejam sempre presentes no cotidiano dos indivíduos na sociedade, principalmente no ambiente educativo como instrumentos pedagógicos na condução do fazer docente.

A proposta de reinventar as brincadeiras abordada pela Professora Flor Violeta é de suma importância, visto que se faz necessária uma contextualização dessas brincadeiras, considerando o cotidiano de cada criança, assim como seu contexto social, cultural e econômico. Nesse sentido, o tradicional e o moderno podem e devem dialogar, buscando um único objetivo, que é contribuir com os processos de ensino e aprendizagem das crianças.

As professoras, ao serem indagadas sobre o interesse das crianças no momento que as brincadeiras antigas são trabalhadas em sala de aula, responderam de forma unânime apresentando o prazer e a empolgação destas. A Professora Flor Tulipa menciona que:

[...] a gente vê o sorriso da criança. São brincadeiras bem prazerosas. Então, a gente vê o sorriso no rosto da criança, é prazeroso para a professora mediar essas brincadeiras, principalmente, pois elas fazem parte da nossa vivência quando a gente foi criança e resgatar essas brincadeiras é muito gostoso [...] (Flor Tulipa, 2022).

A partir do apontamento da professora Flor Tulipa, consideramos que, no ambiente educativo, quando o docente oportuniza às crianças o contato com as brincadeiras antigas, ele permite que elas se envolvam e gostem dessas brincadeiras, isso é, portanto, uma forma de trazer para a atualidade a cultura popular, impulsionando, assim, experiências enriquecedoras para o desenvolvimento global das crianças. Nesse sentido, a fala da professora supracitada coincide com a ideia de Leonardeli, Conti e Barbosa

(2021, p. 49) ao afirmarem que as brincadeiras antigas podem ter “[...] importância significativa para a evolução e o desenvolvimento das crianças que lhes permite a criação de autonomia, o desenvolvimento da criatividade, a aptidão para a resolução de conflitos [...]”.

Nesse íterim, a professora Flor Violeta aponta que, ao desenvolver as brincadeiras antigas no contexto escolar, percebe o prazer, o entusiasmo das crianças:

[...] elas gostam bastante é como se aquela brincadeira que muitas vezes nossos pais já brincavam que vem com uma nova visualização [...] fosse algo assim muito diferente, muito inovador para aquelas crianças. Então, quando nós trazemos a brincadeira, elas se empolgam, se envolvem, querem participar, às vezes, querem fazer mais de uma vez [...] (Flor Violeta, 2022).

Diante disso, podemos constatar com a fala da professora Flor Violeta que as crianças quando têm o contato com as brincadeiras de contextos sociais do tempo passado exteriorizam prazer, divertimento e empolgação. Dessa maneira, tal fato de prazer e de empolgação pode estimular o desenvolvimento da aprendizagem, a busca de novas experiências, uma vez que, segundo Maluf (2009, p. 32), “quanto mais a criança participar de atividades lúdicas, novas buscas de conhecimento se manifestam, seu aprender será mais prazeroso”.

À vista disso, é pertinente apontar que brincar com os nossos educandos, é sem dúvidas, um passo de extrema importância para o seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Contudo, respeitar o espaço cultural e social desses indivíduos em formação deve ser levando em conta, pois uma parte de suas memórias também é constituída por aspectos presentes em suas vivências atuais e que, portanto, passam a ter relevância dentro de suas realidades, fazendo parte de seu mundo, seja ele musical, poético ou de outra natureza.

Portanto, o professor, na etapa inicial da escolarização da criança, tem o papel imprescindível de ser o mediador que conduzirá à ludicidade, colaborando para o desenvolvimento infantil e para o resgate de brincadeiras que foram do acervo lúdico do tempo passado; é uma forma de preservar a história, a cultura de um povo. Além disso, o professor, em sua formação docente contínua, precisa compreender que, mais do que

adquirir conhecimentos sobre a ludicidade e o ato de brincar no desenvolvimento infantil — bem como dominar os procedimentos didáticos, os encaminhamentos e a avaliação de propostas pedagógicas —, é necessário que ele seja capaz de conectar as diferentes infâncias por meio da ação lúdica (Santana, 2023).

Contudo, esse professor, de antemão, precisa ter prazer e gosto pelo brincar a fim de que possa repassar esses sentimentos às crianças, pois, conforme Maluf (2009, p. 32), “um professor que não gosta de brincar nunca irá observar seus alunos vivenciando práticas lúdicas, e também não reconhecerá o valor das brincadeiras na vida da criança”.

5 Considerações finais

A pesquisa desenvolvida com as duas professoras que atuam na Educação Infantil na rede municipal de ensino da cidade de Pau dos Ferros/RN possibilitou que pudéssemos investigar a respeito das suas memórias lúdicas, compreendendo o repertório de brincadeiras que fizeram parte de suas infâncias e como buscam, cotidianamente, na prática pedagógica, no ambiente educativo, trabalhar com as crianças; objetivando que essas brincadeiras, que estiveram em outros contextos histórico-culturais, pudessem ser agregadas à coletânea das brincadeiras atuais.

Desse modo, o brincar proporcionado no ambiente escolar traz abundantes experiências, troca de saberes e novos aprendizados, uma vez que a infância é a fase da vida do ser humano pertinente para os momentos de ludicidade, de brincadeiras e de jogos. Quando as brincadeiras antigas são trabalhadas pelos professores, eles contribuem significativamente para que não sejam esquecidas, mas que possam estar presentes no cotidiano de toda criança, integrando sua memória.

Diante disso, quando rememoramos as experiências vividas no passado, trazemos para o presente as lembranças que ficaram em nossa memória. Então, relembrar as brincadeiras antigas é permitir que elas nunca sejam esquecidas, contudo, que possam estar sendo propagadas de uma geração para outra, permitindo a constituição da identidade cultural, pessoal e social dos indivíduos.

Portanto, este estudo poderá ser uma fonte relevante para pesquisas futuras envolvendo as memórias lúdicas de professores que atuam na Educação Infantil, discutindo a relevância do professor rememorar as brincadeiras do seu período da infância, utilizando-as na sua prática pedagógica como instrumento facilitador para o processo de ensino-aprendizagem e, além disso, é uma maneira de preservar o repertório cultural, histórico e social de determinada sociedade.

Referências

ANGOTTI, Maristela (org.). **Educação Infantil: para que, para quem e por quê?** 3ª ed. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 18ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 de nov. 2022.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do adolescente. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 15 de nov. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 15 de nov. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 16 de nov. 2022.

BRITO, Teca Alencar. Ferramentas com brinquedos: a caixa da música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 24, p. 89-93, set. 2010. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/207/139>. Acesso em: 21 de nov. 2024.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

CALDAS, Iandra Fernandes. **No tear do tempo, tecer memórias (re) contar histórias de professores aposentados do curso de Pedagogia da UERN**. Tese (Doutorado Acadêmico em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2021.

FREIRE, João Batista. **O jogo: entre o riso e o choro** [livro eletrônico]. Campinas, SP: Autores Associados, 2017. Disponível em: <https://dokumen.pub/o-jogo-entre-o-riso-e-o-choro-portuguese-edition-1nbsped-9788574963822.html>. Acesso em: 18 de fev. de 2025.

GUILHERME, Claudia Cristina Fiorio. Musicalização infantil: trajetórias do aprender a aprender o quê e como ensinar na Educação Infantil. In: ANGOTTI, Maristela (org.). **Educação Infantil: para que, para quem e por quê?** 3ª ed. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva** [livro eletrônico]. Tradução: Antonio Fontoura. Curitiba, antoniofontoura, 2024.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação** [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2017.

LEONARDELI, Poliana Bernabé; CONTI, Marcilene; BARBOSA, Valeria. Jogos e brincadeiras na educação infantil como resgate da identidade cultural na infância. **Revista Kiri-Kerê: Pesquisa em ensino**. Dossiê nº 6, nov. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/28513/24318>. Acesso em: 16 de nov. de 2022.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. **Brincar: prazer e aprendizado**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** [recurso eletrônico]. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTANA, Claudia da Silva. Memórias de infâncias brincantes na formação para a docência da Educação Infantil. **Dialogia**, São Paulo, n. 43, p. 1-19, e23845, jan./abr.

2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/43.2023.23845>. Acesso em: 17 de fev. de 2025.

25

ⁱ **Maria do Socorro Almeida Rêgo**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8379-4624>

Professora da Educação Básica na rede municipal de ensino no município de Pau dos Ferros/ RN vinculada à Secretaria Municipal de Educação (SEDUC). Mestra em ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE)/Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Contribuição de autoria: coleta de dados, análise e escrita textual.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3473242774244201>.

E-mail: corrinhaalmeida4@gmail.com

ⁱⁱ **Francisco Fernandes Oliveira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2049-5576>

Professor de artes na Escola Estadual de Educação Profissional Prof. José Augusto Torres no município Senador Pompeu/CE vinculado à Secretaria da Educação (SEDUC). Mestre em ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE)/Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Contribuição de autoria: análise dos dados e escrita textual.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2674592563915523>.

E-mail: chicofrenandes@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Maria Ione da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3781-5193>

Professora Adjunta IV do Departamento de Educação Física da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e professora no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE). Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, Portugal.

Contribuição de autoria: escrita textual e revisão de conteúdo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8351602063804501>.

E-mail: ionesilva@uern.br

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista *ad hoc*: Janer Moreira Lopes e Fernanda dos Santos Paulo.

Como citar este artigo (ABNT):

RÊGO, Maria do Socorro Almeida; OLIVEIRA, Francisco Fernandes; SILVA, Maria Ione da. Memórias lúdicas de professoras da Educação Infantil. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 7, e14761, 2025. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/14761>

Recebido em 1 de janeiro de 2025.

Aceito em 6 de março de 2025.

Publicado em 13 de maio de 2025.